



Educação Financeira Pessoal: Estudo com Discentes de Ciências Contábeis

Jorge Moreira Melo - Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

melo.jm@hotmail.com

Caritsa Scartaty Moreira - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

caritsa_scarlaty@hotmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo verificar o nível de educação financeira dos alunos de um curso de graduação em Ciências Contábeis. Para tanto, realizou-se uma pesquisa com 147 discentes dos períodos iniciais e finais do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Com base nas respostas, os dados foram analisados por meio de técnicas de estatística descritiva, e as médias submetidas ao teste *t de Student* e Anova para apurar ocorrência de diferenças significativas dentre os grupos formados pela fase de graduação e conforme suas características sociodemográficas. Os resultados demonstram que embora os alunos tenham melhores resultados ao concluírem o curso de Ciências Contábeis, permaneceram com nível intermediário de conhecimentos financeiros assim como os iniciantes. Os testes indicam ainda que, em média, a idade e o início da ocupação profissional também aperfeiçoam as competências financeiras. Desta forma, pode-se inferir que a evolução dos concluintes não foi exclusivamente pelo curso. Tais considerações indicam a necessidade de se desenvolverem ações institucionais para melhorar nos resultados a exemplo do que vêm fazendo outras escolas e universidades brasileiras.

Palavras-chave: Educação financeira. Variáveis sociodemográficas. Ciências Contábeis.

Método de Pesquisa: MET7 – Survey.

Área do Conhecimento da Pesquisa: AT 8 - Contabilidade e Sociedade.

1. Introdução

Finanças pessoais é tema cujo nível de importância é reconhecido nas principais economias globais (Volpe & Chen, 1998). Segundo Bruhn et al. (2016), o desenvolvimento econômico em muitos países tem feito produtos e serviços amplamente disponíveis, e acompanhando essa expansão, decisões de consumo das famílias baseadas em escolhas muitas vezes desfavoráveis aliadas a ofertas de crédito fácil, têm levado a decisões inconsequentes principalmente para indivíduos com pouca compreensão de conceitos financeiros. Não por acaso taxas de falências pessoais, mesmo em países desenvolvidos como os Estados Unidos, têm disparado, complementam os autores. A falta de uma educação financeira também impacta a capacidade das pessoas em realizações de longo prazo, como a casa própria e os planos de aposentadoria. Assim, decisões negativas não impactam apenas a vida dos indivíduos, mas toda a sociedade (Ergün, 2018).

O reconhecimento da importância do tema foi tratado em relatório da Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico (OCDE, 2013) que mostra as experiências do Grupo dos vinte países (G20) com as maiores economias do planeta sobre iniciativas de educação em instituições públicas e privadas para políticas de inclusão financeira e de defesa do consumidor, considerando o tema como nova habilidade para o século 21. O governo brasileiro também reconheceu essa importância ao criar, através do Decreto Federal 7.397/2010, atualizado pelo Decreto Nº 10.393/2020, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), promovendo ações de educação e envolvendo os quatro reguladores do sistema financeiro do Brasil, Banco Central (BC), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC) e Superintendência de Seguros Privados (SUSEP). Seu objetivo é contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes.

No âmbito internacional, algumas pesquisas foram desenvolvidas na mesma linha delimitada neste trabalho. Tratando o tema como “alfabetização financeira” (*Financial Literacy*), Volpe, Chen e Pavlicko (1996) e Volpe e Chen (1998) buscaram analisar o nível de conhecimento financeiro dos alunos quando chegam à graduação. Ergün (2018) analisou o processo de aprendizagem financeira entre estudantes universitários na Estônia, Alemanha, Itália, Holanda, Polônia, Romênia, Federação Russa e Turquia. E, em um estudo para o Banco Mundial, Bruhn et al. (2016) evidenciaram o impacto de um amplo programa de educação financeira em escolas brasileiras. Em comum, demonstraram que a educação financeira passa a ser um valioso complemento para o aprendizado acadêmico regular, e que a melhora da situação financeira de um país passa pela sala de aula (BRUHN et al., 2016; Ergün, 2018).

No Brasil, o campo de estudo de finanças pessoais é tema recentemente explorado e carente de base teórica, como informa Lizote et al. (2016). Estes autores lembram que as finanças das pessoas estão diretamente ligadas ao seu consumo, e após estabilização da economia brasileira desde 1994 com o Plano Real, elas passaram a ter compromissos de longo prazo e comprometer parte significativa de sua renda. Dessa forma, para não ter dificuldades no relacionamento pessoal, familiar e profissional, temas como planejamento financeiro começaram a ter sua importância reconhecida.

As finanças pessoais como ferramenta de controle de bens, rendas e despesas dos indivíduos estão intimamente relacionadas à Contabilidade. Esta ciência do patrimônio por excelência é adequada à gestão de recursos das entidades, inclusive pessoas físicas (Iudícibus, 1998; Marion, 2014). Nessa mesma linha: Nunes (2006); Silva, Carraro e Da Silva (2017); e

Andrade e Lucena (2018). Essa relação ainda foi confirmada nos trabalhos de Lima, Levino e Santos (2017) e Medeiros, Campos e Malaquias (2016) ao concluírem que os graduandos em Ciências Contábeis melhoram seu conhecimento em finanças pessoais ao longo do bacharelado. No entanto, esse aprendizado não é uniforme entre os estudantes, já que depende do perfil e características pessoais dos mesmos, assim concluíram Lizote et al. (2016); e Verdinelli e Lizote (2014).

Assim, demonstrada a relevância das finanças pessoais na qualidade de vida das pessoas e da sociedade e sua ligação com a contabilidade, o presente estudo tem o seguinte problema de pesquisa: **Qual o nível de educação financeira dos discentes de Ciências Contábeis?** Para tanto, definiu-se como objetivo analisar o nível de educação financeira dos discentes de Ciências Contábeis.

Os resultados obtidos nesse estudo são relevantes e contribuirão para essa temática incipiente e pouco explorada nos trabalhos científicos locais. Ao traçar um diagnóstico da atual situação da alfabetização financeira no âmbito universitário, provocará a nível teórico, novas pesquisas, debates, estudos e atividades para aperfeiçoar o domínio em finanças. O processo poderá evoluir com inclusão do tema no conteúdo programático das disciplinas afins ou mesmo uma nova disciplina optativa poderá ser criada, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de Brasília. Ao nível prático, uma vez implementadas as ações exemplificadas, o egresso do curso de graduação poderá usar os conhecimentos tanto para organizar sua vida financeira pessoal, como na sua atuação profissional no mercado uma vez que estará desde logo familiarizado nos controles e análises financeiras praticados.

2. Referencial Teórico

2.1. Alfabetização E Educação Financeira

A ideia de se ter um instrumento de controle de evolução patrimonial surge com as pessoas físicas no uso rudimentares de pedras a fichas de barro (Martins, 2001). Desde os mais antigos registros datados em mais de 5.000 anos na Mesopotâmia, passando por grandes civilizações, as riquezas eram representadas, desde produtos agrícolas e pecuários, metais e pedras preciosas, até controle de empréstimos e juros (Rodrigues; Jayme Neto; Ferreira, 2014; Martins, 2001). Assim, “A evolução da contabilidade está associada ao progresso da humanidade”, conclui Peleias et al. (2007, p. 20).

Os conhecimentos em contabilidade podem ajudar no fornecimento de informações e controle das finanças e do patrimônio das pessoas físicas, além de ordenar o equilíbrio do orçamento doméstico (Iudícibus, 2010). Marion (2015) ensina que para o controle de riqueza, superávits de receitas e controle de gastos, os principais demonstrativos contábeis, com utilização já consagrada para pessoas jurídicas, como o Balanço Patrimonial (BP), Demonstrativo de Resultado do Exercício (DRE) e Demonstrativos de Fluxo de Caixa (DFC) podem, até de maneira simples, serem utilizados para as pessoas físicas.

Desta maneira, a contabilidade pode fornecer dados para que as pessoas, uma vez conhecendo seus bens e suas obrigações, planejem decisões financeiras de investimento para evolução do patrimônio (Oliveira, 2012). Apesar de ser um assunto dos mais áridos, a contabilidade pode ser simplificada e ensinada até levar a um conhecimento mais complexo e sofisticado (Kiyosaki & Lechter, 2000). Assim, a compreensão desta ciência surge do seu uso, aplicação e do entendimento de sua utilidade. Desta maneira, o usuário compreenderá a disciplina quando percebe os resultados que ela oferece.

Silva et al. (2017) pesquisando o entendimento de alfabetização financeira e educação financeira perceberam a relação estreita entre os conceitos, sendo tratados como sinônimos em 47% dos estudos que analisaram. Para OCDE (2013), a alfabetização financeira traz uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamento, necessários para a tomada de decisões inteligentes para alcançar um bem-estar financeiro.

Para Lizote et al. (2016), educação financeira é a busca de conhecimentos necessários para gerenciar e tomar boas decisões sobre as próprias finanças. Buscando as mais corretas para uso dos recursos que dispõe tanto no presente como no planejamento futuro. Dessa forma, concluem os autores, educação financeira compreende a inteligência de interpretar números, utilizar as informações para planejar um consumo saudável no presente e um futuro financeiro equilibrado. Domingos (2018) conceitua educação financeira como busca de uma autonomia financeira baseada em comportamento e hábitos saudáveis para equilíbrio do ser, fazer e o ter, com escolhas conscientes para realizações de sonhos.

No trabalho de Silva et al. (2017) ficou demonstrado que embora os indivíduos acreditem que melhoram seu conhecimento financeiro com maior escolaridade, quando submetidos a questões de finanças pessoais, obtiveram notas semelhantes a outros de níveis escolares diferentes. Os autores concluíram que o fato pode estar relacionado à má qualidade no ensino em finanças ao longo da vida escolar.

Ergün (2018) também debruçando sobre o tema, analisou o processo de aprendizagem financeira entre estudantes universitários na Estônia, Alemanha, Itália, Holanda, Polônia, Romênia, Federação Russa e Turquia. Os resultados mostraram nível de conhecimento como médio e aprendidos de variadas fontes, desde aconselhamento dos pais ou fruto de experiência de vida mais independente, influência de amigos ou ainda a área do curso de graduação, entre outras. Conclui que obter informações financeiras na universidade é a maneira mais eficaz de melhorar o aprendizado e consequente desenvolvimento sustentável para a economia como um todo.

2.2. Finanças Pessoais e Ensino Superior em Contabilidade

No Brasil, o tema finanças pessoais ganhou seu marco na década de noventa com a estabilização econômica após implantação do Plano Real (Lizote et al., 2016). Antes disso, explica Leitão (2011), a inflação ganhava força causando sofrimento nas famílias, desordem na contabilidade das empresas e impossibilidade de se fazer qualquer planejamento. Restava aos brasileiros converter sua renda rapidamente em consumo para que não se perdesse o poder aquisitivo provocado pela inflação.

Por outro lado, estabilização e desenvolvimento econômico, torna produtos, serviços e financiamentos mais disponíveis, o que passa a exigir melhores decisões financeiras dos indivíduos (Bruhn et al. 2016). Ao planejar suas finanças, as pessoas tenderão a alocar melhor seus recursos para satisfação de suas necessidades (Lizote et al., 2016). A necessidade de conhecimentos financeiros aumenta com o crescimento das ofertas de produtos financeiros como empréstimos e cartões de crédito, reforça Silva et al. (2017).

Essa disponibilidade de crédito fácil faz com que muitas pessoas contraiam dívidas comprometendo suas finanças levando a inadimplência (Lizote et al., 2016). As consequências são tanto individuais, afetando o estado psicológico e a vida familiar, quanto macroeconômicos. Assim, conhecer e planejar as finanças pessoais levam ao gasto racional das receitas e um consumo consciente, seguindo uma estratégia para manutenção e acumulação de valores para

formação de um patrimônio. Levam ao bom manejo do dinheiro, de mercadorias e de empréstimos, conforme explicam os autores.

O Conselho Federal de Contabilidade (CFC), órgão máximo da profissão contábil no Brasil, tomou a iniciativa de elaborar a Proposta Nacional de Conteúdo para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis (Carneiro et al., 2009) para participar das decisões que envolvam o ensino superior da Contabilidade no Brasil. Na elaboração do Projeto Pedagógico desta graduação na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), considerou a referida proposta do CFC e inseriu, além das disciplinas contábeis, outras de conteúdo financeiro na matriz curricular, como: Mercado Financeiro, Matemática Financeira, Administração Financeira, Análise de Custos e Finanças Corporativas.

Além disso, o curso de Ciências contábeis da UFERSA foi instituído em conformidade com a Resolução CNE/CES nº 10/2004 que dentre as habilidades exigidas ao bacharelado, está compreender questões de quantificações econômicas, financeiras e patrimoniais e capacidade crítico-analítica para gerar informações, atitudes e construção de valores orientados para cidadania. E um dos elementos estruturais do curso é criar modos de integração entre teoria e prática.

Em uma linha mais específica ao tema dessa pesquisa, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pela primeira vez em uma universidade, incluiu a disciplina Finanças Pessoais na grade curricular da graduação em Ciências Contábeis. Aberta também a outros cursos, sempre tem salas lotadas de alunos querendo aprender gerenciar suas finanças pessoais, como divulgou o professor titular Dr. Jurandir Sell Macedo Jr (Macedo Junior, 2013). Isso mostra não só o interesse, mais a oportunidade de o curso mudar a realidade na vida econômica dos discentes.

2.3. Estudos Anteriores Correlatos ao Tema

Klapper, Lusard e Panos (2012), examinaram a importância da educação financeira e seus efeitos no comportamento das pessoas e as consequências do seu desconhecimento. O artigo usou dados da Rússia, país emergente economicamente como o Brasil, que viu durante a crise econômica mundial de 2008, um aumento no endividamento do consumidor de cerca de US \$ 10 bilhões em 2003 para mais de US \$ 170 bilhões naquele ano. Os autores descobriram que apenas 41% dos entrevistados demonstrar compreensão do funcionamento da composição de juros e apenas 46% podem responder à pergunta sobre a inflação. O estudo mostrou que pessoas com menor educação financeira buscaram fontes de financiamento informais de empréstimo, portanto mais caras. Já indivíduos com maior conhecimento financeiro têm maior renda e capacidade de gasto. Assim, o estudo mostrou que estes últimos indivíduos têm melhor capacidade de lidar com choques macroeconômicos.

Potrich, Vieira e Paraboni (2013) debruçando sobre a temática, estudaram a influência das características socioeconômicas de estudantes universitários sobre sua educação financeira. Para tanto construíram uma escala de mensuração de alfabetização financeira baseada nos comportamentos, conhecimentos e atitudes dos alunos. Concluíram que os melhores resultados foram para indivíduos do gênero masculino, os de maior renda e formandos em áreas financeiras, além disso, a ocupação do discente também influenciou positivamente o nível de alfabetização financeira. No entanto, o nível alcançado pelos alunos foi considerado mediano e não desejáveis. Para minimizar o problema, sugeriram a inclusão de disciplinas de gestão financeira para os cursos de graduação.

Reconhecendo a importância do conhecimento em finanças para o desenvolvimento das nações, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2013), grupo de países com as maiores economias do planeta, incluiu na edição de 2015 do *Program of International Students Assessment (PISA)* questões de conhecimento em finanças. O PISA é uma avaliação realizada a cada 3 anos para estudantes de 15 anos de idade em diversos países. Esta avaliação está alinhada com o objetivo daquela organização internacional para comparar políticas econômicas e sugerir soluções para os problemas (OCDE, 2018). O Brasil enquanto aguarda seu pedido de adesão, colaborou com a OCDE aplicando o PISA para seus estudantes.

Procurando descrever o perfil financeiro dos alunos de graduação em Ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Santa Catarina, Lizote et al. (2016), não encontraram distinção dentre a amostra pesquisada, entre as características pessoais e familiares com a percepção individual sobre finanças pessoais. Contudo, ao analisarem a autoavaliação de conhecimento dos entrevistados sobre empréstimos e investimentos financeiros, a maior idade, renda e os que tem um emprego, obtiveram melhores resultados.

Medeiros, Campos e Malaquias (2016), propuseram analisar a contribuição das disciplinas voltadas a educação financeira do curso de Ciências Contábeis de uma IES mineira para o conhecimento em finanças pessoais dos alunos. O resultado mostrou, segundo os autores, a relação positiva do curso com o conhecimento dos discentes, uma vez que os concluintes apresentaram melhor desempenho do que os ingressantes. Observaram ainda, que participação em eventos sobre o tema, a educação dos pais e estar empregado, também contribuem para o controle das finanças pessoais dos entrevistados.

Bruhn et al. (2016), estudando o impacto de um programa abrangente de educação financeira que envolveu 6 estados, 868 escolas e cerca de 20.000 estudantes de ensino médio no Brasil, verificaram um aumento do conhecimento financeiro para gastos, poupança e planejamento. Esses programas de educação financeira nas escolas, diz o estudo, já amplamente realizados em países como EUA, Inglaterra, Austrália, entre outros, foca em jovens ainda secundaristas, pois bons hábitos financeiros trarão benefícios na escolaridade, emprego e padrões de sua própria vida e de seus familiares, e aproveitam a disponibilidade de tempo que adultos não têm. Os resultados fizeram o Ministério da Educação do governo brasileiro aprovar e ampliar a continuação do programa de educação financeira para um número maior de escolas através dos programas Ensino Médio Inovador e Mais Educação, conforme informaram aqueles autores.

Analisando os resultados do PISA divulgados pela OCDE (2013), Barufi (2017), com o objetivo de analisar o posicionamento dos estudantes, comparou estatisticamente os dados e concluiu que os estudantes brasileiros apresentaram a pior nota relativa à temática financeira dentre os países pesquisados. Estudando outros dados, viu que a renda é fator relevante no desempenho dos alunos. A nota obtida nas outras disciplinas (matemática, leitura e ciências) está relacionada positivamente ao desempenho dos alunos em conhecimento dos conceitos financeiros. Contudo, a correlação entre boas notas naquelas três disciplinas é maior entre si do que a correlação entre elas e as notas em finanças. Tal resultado pode ser um indicativo que o conhecimento em finanças não foi necessariamente adquirido no contexto escolar, conclui a pesquisadora. Barufi (2017) lembra ainda, que o fraco desempenho dos estudantes brasileiros no PISA mostra que existe espaço significativo para ações concretas de educação financeira, especialmente se comparados aos alunos de outros países. Estudos como esse têm motivado ações do governo brasileiro (Decreto 10.393, 2020), escolas e instituições financeiras (Barufi, 2017).

3. Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa com objetivo de analisar o nível de educação financeira dos discentes de Ciências Contábeis da UFERSA, classifica-se quanto aos seus objetivos como descritiva e exploratória. Uma pesquisa exploratória ocorre, segundo Beuren (2003), quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada, então busca-se conhecer com maior profundidade o assunto e torná-lo mais claro para construir as questões da pesquisa, conhecendo assim a variável de estudo e o contexto que está inserida. Sendo assim, por haver pouca informações ou estudos específicos a respeito, a variável estudada neste trabalho será o nível educação financeira dos alunos de Ciências Contábeis da UFERSA.

Outro enfoque relacionado ao problema desta pesquisa a classificada como descritiva, uma vez que procurou identificar as características pessoais dos discentes e como elas determinam seu nível de educação financeira. De acordo com Gil (2010), esse tipo de pesquisa tem como objetivo descrever características de determinada população podendo identificar possíveis relações entre as variáveis. Então, o pesquisador informa sobre situações, fatos, opiniões ou comportamentos que compõem a população analisada.

Quanto à abordagem do problema, esta pesquisa classifica-se como qualitativa ao classificar o nível de educação financeira dos alunos e traçar uma análise comparativa dentre as características investigadas conforme valorações arbitradas com algum espaço para análises e interpretações de natureza subjetiva. Já quando se tratou os dados para efeito comparativo entre os grupos, esta pesquisa adentrou também em uma abordagem quantitativa.

A pesquisa foi operacionalizada através de um levantamento ou *Survey*, desse modo, a fim de atender ao objetivo de pesquisa deste trabalho com graduandos em Ciências Contábeis da UFERSA, foi elaborado um questionário para mensurar seu nível de educação financeira.

Esta medição, conforme detalha, Potrich, Vieira e Ceretta (2013), tem sido objeto de diversas pesquisas a nível mundial e, diante de pedido de muitos países para criação de uma medida robusta que formasse uma base comparativa, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) criou a partir de 2012 uma rede de especialistas para partilha de conhecimentos e experiências. O resultado foi um questionário da OECD onde o nível de educação financeira é mensurado conforme aspectos de conhecimentos, atitudes e comportamentos dos indivíduos.

O questionário adaptado foi submetido a um pré-teste com o intuito de verificar o entendimento dos quesitos e adequações ao problema de pesquisa. A intenção foi facilitar as respostas pelos discentes para que estes não tenham dificuldade nas respostas. Esta coleta se deu em abril de 2019, segunda semana de início de novo semestre de modo a garantir uma maior participação e realizada *in loco* para esclarecer as questões propostas.

As questões foram elaboradas e adaptadas nesta pesquisa tendo como base os trabalhos anteriores, aparecendo nos trabalhos de: Lana et al. (2011); Klapper, Lusard e Panos (2012); Verdinelli e Lizote (2014); Medeiros, Campos e Malaquias (2016); Lima, Levino e Santos (2017); Domingos (2018); além de livros de finanças pessoais e sites especializados. Embora com variações, em comum, as questões versam sobre conhecimento como juros, inflação, endividamento, rendimentos e risco. Destaque para o trabalho de Potrich, Vieira e Paraboni (2013) com uma boa adaptação da proposta da OECD (2013).

Após as devidas adequações, o instrumento de coleta foi aplicado em maio de 2019 nos três primeiros e nos três últimos períodos do curso de Ciências Contábeis da UFERSA. Assim, os dados tratados poderiam mostrar se há uma evolução nos resultados dos respondentes nos

dois grupos formados (iniciantes e concluintes). No total foram obtidos 156 questionários, sendo 147 validados e 9 excluídos por inconsistência ou não completamente respondidos. Como há alunos irregulares em cada grupo, para conhecer a amostra foram observadas as disciplinas curriculares obrigatórias da referida universidade. Assim, dos 137 alunos matriculados no primeiro grupo, 94 responderam à pesquisa. Do segundo grupo, dos 83 matriculados 53 retornaram o questionário. Verificando-se assim a representatividade da amostra.

Para mensurar o nível de educação financeira dos alunos utilizou-se da metodologia organizada por Potrich, Vieira e Paraboni (2013) baseada nas propostas da OECD (2013), que contempla três fatores: conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro. Após avaliar estes três fatores, conceituados do Quadro 1, foi obtido o resultado da educação financeira dos alunos.

Quadro 1 – Fatores da Educação Financeira

Conhecimento Financeiro	Identifica o domínio sobre os assuntos financeiros como juros, investimento, risco e inflação.	(POTRICH, VIEIRA e PARABONI, 2013)
Atitude Financeira	Avalia a importância reconhecida aos controles e gestão das questões financeiras.	
Comportamento Financeiro	Mensura a transformação do conhecimento que possui na teoria em ações reais.	
Educação Financeira	Combinação dos elementos para tomada de decisões inteligentes para alcançar um bem-estar financeiro.	(OCDE, 2013)

Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Assim, para alcançar as respostas aos componentes acima, o questionário foi dividido em quatro partes. Na primeira, composta por 11 questões, destinou-se obter o perfil sociodemográfico dos respondentes e levantar as variáveis sobre as características pessoais dos alunos investigadas no problema de pesquisa deste trabalho, ou seja, identificar quais delas se relacionam com o nível de educação financeira dos discentes.

A segunda parte possui 18 questões a fim de obter o nível do respondente quanto ao seu comportamento financeiro. Foram estruturadas em escala do tipo *likert* de cinco pontos (1 – nunca até 5 – sempre). Quanto maior a concordância do respondente melhor seu nível nesse fator. Assim, o comportamento financeiro foi obtido pela média atribuídas a cada questão dessa parte do questionário, ou seja, o total obtido neste item foi de no máximo 5 pontos.

A terceira parte trouxe 10 questões para mensurar nível de atitude financeira também estruturadas em escala *likert* de cinco pontos (1 – discordo totalmente até 5 - concordo totalmente). Quanto mais o respondente concordar com as afirmações feitas mais bem avaliada sua atitude financeira, sendo o resultado calculado pela média dos pontos obtidos em cada questão, ou seja, o total obtido neste item foi de no máximo 5 pontos.

Na quarta e última parte do questionário foram expostas as questões referentes ao conhecimento financeiro. Com o total de 13 questões de múltipla escolha com apenas um item correto para o qual foi atribuído 1 ponto, a nota obtida neste constructo variou de 0 (caso em que o indivíduo erra todas as questões) a 13 pontos (para o acerto de todas as questões).

Como já explicado e conforme preceito da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a variável educação financeira foi mensurada a partir da soma padronizada dos fatores conhecimento financeiro, atitude financeira e comportamento financeiro conforme a equação [1] mostrada abaixo:

$$EdF = \text{Comportamento}/5 + \text{Atitude}/5 + \text{Conhecimento}/13$$

[1]

Em que EdF é a variável Nível de Educação Financeira; $\text{Comportamento}/5$ é a média padronizada das respostas às dezoito questões da escala de comportamento financeiro; $\text{Atitude}/5$ é a média padronizada das respostas às dez questões da escala de atitude financeira; e $\text{Conhecimento}/13$ é a média padronizada das respostas às treze questões da escala de conhecimento financeiro.

O próximo passo foi tabular as respostas do questionário em uma planilha eletrônica Excel e em seguida transportar os dados para o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Neste, foram calculadas as estatísticas descritivas das variáveis sociodemográficas: sexo, idade, ensino médio, outra graduação, estado civil, dependentes, com quem mora, escolaridade dos pais, ocupação, renda e período de graduação, visando caracterizar e descrever as respostas dos indivíduos no que se refere aos fatores investigados. Utilizou-se a média e desvio padrão das respostas à cada questão e seus fatores, bem como o índice de acertos às questões de conhecimento financeiro.

Em seguida, para verificar a diferença entre os resultados dos fatores comportamento financeiro, atitude financeira e conhecimento financeiro e na variável educação financeira, considerando as características sociodemográficas, foram utilizados os testes de diferença de média (teste t de *Student*, para duas amostras) e a análise de variância (ANOVA para mais de duas amostras).

4. Análise dos Resultados

Inicialmente, a Tabela 1 apresentada informações sobre as características sociodemográficas dos discentes com o intuito de realizar a caracterização da amostra do estudo e servirá de base para a análise. Conhecer o perfil dos respondentes foi relevante para qualificar os grupos pesquisados e mais na frente investigar diferenças conforme seus resultados de educação financeira, servindo ainda de efeito comparativo com estudos anteriores.

Tabela 1 - Estatísticas das características sociodemográficas

Variáveis		Respondentes	
		Nº	%
Sexo	Masculino	81	55%
	Feminino	66	45%
Idade	até 19	43	29%
	20 a 24	53	36%
	25 s 29	25	17%
	30 a 34	18	12%
	+ de 34	8	5%
Ensino Médio	Pública	103	70%
	Privada	41	28%
	Pública + Privada	3	2%
Outra Graduação	Sim	25	17%
	Não	122	83%
Estado Civil	Solteiro	121	82%
	Casado	26	18%
Dependentes	Sim	35	24%
	Não	112	76%
Mora com:	Pais	95	65%
	Cônjuge	28	19%
	Amigos	12	8%
	Sozinho	12	8%

Escolaridade dos pais	Pós-graduado	12	8%
	Superior	23	16%
	Médio	62	42%
	Fundamental	43	29%
	Não alfabetizado	7	5%
Ocupação	Trabalhando	68	46%
	Estagiando	13	9%
	Só estudando	66	45%
Renda (R\$)	Até 1000	65	44%
	1001 a 2500	57	39%
	2501 a 5000	23	16%
	+ de 5000	2	1%
Períodos de Graduação	Iniciais	94 de 137	69%
	Finais	53 de 83	64%

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

A amostra foi composta por 147 estudantes, e conforme verifica-se na Tabela 1, a maior parcela é formada pelo sexo masculino (55%), tem até 24 anos (65%), cursou o ensino médio em escola pública (70%) e está na primeira graduação (83%). Como também é esperado para um público universitário, a maioria é solteira (82%), sem dependentes (76%), mora com os pais (65%), e estes possuem até o ensino médio (42%). Referente à ocupação, mais da metade dos alunos pesquisados está estagiando ou trabalhando (55%) e a maioria respondeu ter renda de até um mil reais (44%). Na última variável formada, período de graduação, dos 137 alunos matriculados nos períodos iniciais, 94 responderam à pesquisa (69%). Do segundo grupo, dos concluintes, dos 83 matriculados 53 retornaram o questionário (64%). Verificando-se assim a representatividade da amostra. Após esse conhecimento do perfil dos entrevistados, investigou-se seu comportamento financeiro conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Estatísticas da escala de Comportamento Financeiro

Fator	Questões	Períodos Iniciais		Períodos Finais	
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Gestão Financeira	1. Gerencio da melhor forma o meu dinheiro.	3,564	0,957	3,528	1,085
	2. Anoto e controlo meus gastos pessoais (ex.: planilha de receitas e despesas mensais).	2,660	1,411	3,226	1,489
	3. Mantenho registros financeiros organizados e consigo encontrar documentos facilmente.	2,947	1,394	3,321	1,221
	4. Mantenho um orçamento ou plano de gastos semanal ou mensal.	2,787	1,375	3,377	1,362
	5. Todo mês faço um balanço dos meus gastos.	2,362	1,343	3,057	1,379
	6. Estou satisfeito(a) com o sistema de controle de minhas finanças.	2,596	1,212	2,943	1,433
	7. Pago minhas contas em dia.	4,372	0,939	4,208	1,081
	8. Todo mês tenho dinheiro suficiente para pagar todas as minhas despesas pessoais e as despesas fixas da casa.	3,840	1,247	3,755	1,385
	Fator Gestão Financeira		3,141	1,406	3,427
Financiamentos	9. Ao decidir por um produto financeiro ou empréstimo, considero opções de diferentes empresas / bancos.	3,638	1,343	3,849	1,307
	10. Pago integralmente as faturas de meu cartão de crédito para evitar a cobrança de juros.	4,053	1,432	4,509	0,973
	11. Consigo identificar os custos que pago ao comprar um produto de forma parcelada.	3,851	1,107	4,189	0,856
	Fator Financiamentos		3,848	1,308	4,182
Inte	12. Guardo parte de minha renda todo mês.	3,053	1,469	2,906	1,458

Consumo Planejado	13. Poupo visando à compra de um produto mais caro (ex.: carro).	3,191	1,461	2,642	1,302
	14. Possui uma reserva financeira igual ou maior a 3 vezes as minhas despesas mensais, que possa ser resgatada rapidamente.	2,032	1,291	2,340	1,544
	Fator Investimentos	2,759	1,497	2,629	1,448
	15. Comparo preços ao fazer uma compra.	4,457	0,969	4,264	0,984
	16. Analiso minhas finanças com profundidade antes de fazer alguma grande compra.	4,223	1,049	4,170	0,995
	17. Eu evito comprar por impulso.	3,904	1,236	3,698	1,085
	18. Costumo juntar dinheiro para comprar um produto à vista do que o comprar a prazo.	3,457	1,427	3,491	1,219
	Fator Consumo Planejado	4,011	1,237	3,906	1,115
	Fator Comportamento Financeiro	3,388	1,445	3,526	1,370

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Ao analisar o comportamento financeiro dos estudantes, observou-se como mediano, considerando a escala utilizada que varia de um (1) a cinco (5) pontos, com uma melhor avaliação para os alunos dos períodos finais (média 3,526) contra os alunos dos períodos iniciais (média 3,388). Os alunos concluintes apresentaram melhores resultados para Gestão Financeira (média 3,427 contra 3,141 dos iniciantes), evidenciando uma evolução no controle de seus orçamentos pessoais. Neste item, a melhor média ficou para o cuidado dos alunos em pagarem suas contas em dia. Os iniciantes possuem dificuldades para formarem seu orçamento e os concluintes em ter um controle mais satisfatório.

Os alunos concluintes apresentaram melhor resultado também no item Financiamentos (média 4,182 contra 3,848), evidenciando uma melhor compreensão sobre uso do cartão de crédito, empréstimos e compras a prazo. Essa evolução dos alunos concluintes também foi encontrada nos trabalhos de Silva et al. (2017) e Medeiros, Campos e Malaquias (2016).

Quanto às médias de Investimentos e Consumo Planejado, os dois grupos apresentaram médias com valores próximos. Os resultados indicam que não buscam formar uma poupança para atender suas necessidades de consumo, no entanto, analisam preços e sua capacidade de pagamento. Potrich, Vieira e Paraboni (2013), também estudando comportamento de alunos universitários constataram seu pouco interesse ou falta de hábito de formar uma poupança.

Tabela 3 - Estatísticas de Acertos em Conhecimento Financeiro

Fator	Questões	Percentual de acerto (%)	
		Períodos Iniciais	Períodos Finais
Cálculo Simples	1. Imagine que cinco amigos recebem uma doação de R\$ 1.000,00 e precisam dividir o dinheiro igualmente entre eles. Quanto cada um vai obter?	94,681	92,453
Valor no Tempo	2. Suponha que José herde R\$ 10.000,00 hoje e Pedro herde R\$ 10.000,00 daqui a 3 anos. Devido à herança, quem ficará mais rico?	46,809	52,830
	3. Suponha que no ano de 2020 sua renda dobrará e os preços de todos os bens também dobrarão. Em 2020, o quanto você será capaz de comprar com a sua renda?	70,213	73,585
Inflação	4. Quando a inflação aumenta, o custo de vida sobe. Essa afirmação é:	85,106	90,566
	5. Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 10% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? (Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro).	58,511	77,358

Juros	6. Suponha que você realizou um empréstimo de R\$ 10.000,00 para ser pago após um ano e o custo total com os juros é R\$ 600,00. A taxa de juros que você irá pagar nesse empréstimo é de:	61,702	73,585
	7. Suponha que você tenha R\$ 100,00 em uma conta poupança rendendo a uma taxa de juros de 10% ao ano. Depois de 5 anos, qual o valor que você terá na poupança? (Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro).	50,000	64,151
Financiamento	8. Suponha que você viu o mesmo televisor em duas lojas diferentes pelo preço inicial de R\$ 1.000,00. A loja A oferece um desconto de R\$ 150,00, enquanto a loja B oferece um desconto de 10%. Qual é a melhor alternativa?	92,553	90,566
	9. Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos. Contudo, o total de juros pagos ao final daquele empréstimo será menor do que neste. Essa afirmação é:	60,638	73,585
Investimento	10. Considerando-se um longo período (ex.: 10 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	36,170	20,755
	11. Normalmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?	82,979	96,226
Risco	12. Quando um investidor distribui seu investimento entre diferentes ativos, o risco de perder dinheiro:	70,213	73,585
	13. Um investimento com alta taxa de retorno terá alta taxa de risco. Essa afirmação é:	78,723	86,792
Total de Acertos em Conhecimento Financeiro		68,331	74,311

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

O próximo fator analisado foi o Conhecimento Financeiro dos alunos. Para isso, foi evidenciado o percentual de acerto aos itens propostos na parte 4 do questionário dividida em treze questões de múltipla escolha com apenas uma alternativa correta. A Tabela 3 foi organizada com os percentuais de acertos aos respectivos itens que versam sobre valor do dinheiro no tempo, inflação, juros, financiamentos, investimento e risco.

Com base nos resultados obtidos, os alunos dos períodos finais apresentaram um melhor resultado para o fator Conhecimento Financeiro (média 74,311% contra 68,331%). No entanto, os dois grupos são detentores de um conhecimento financeiro médio por estarem na mesma faixa (60 a 79%), conforme classificação estabelecida por Volpe e Chen (1998). Os concluintes obtiveram maiores acertos em praticamente todas as questões, e os dois grupos tiveram melhores resultados sobre inflação e financiamentos. Notou-se incompreensões por parte dos respondentes sobre o valor do dinheiro no tempo e questões relacionadas a juros e investimento em renda variável (ações). Apesar do percentual de acerto nas questões ser intermediário, chamou atenção o índice de erros em questões não complexas, mesmo para os alunos em períodos finais do curso.

Em seus estudos, Medeiros, Campos e Malaquias (2016) e Silva et al. (2017), também encontraram uma relação positiva do curso com o conhecimento dos discentes, uma vez que os concluintes apresentaram melhor desempenho do que os ingressantes.

A próxima dimensão analisada para o grupo pesquisado versou sobre o fator Atitude Financeira dos alunos. O resultado encontrado consta na Tabela 4.

Tabela 4 - Estatísticas da escala de Atitude Financeira

Questões	Períodos Iniciais		Períodos Finais	
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
1. É importante controlar as despesas mensais.	4,926	0,302	4,943	0,305
2. É importante estabelecer metas financeiras para o futuro.	4,904	0,417	4,849	0,361

3. É importante poupar dinheiro mensalmente.	4,787	0,484	4,698	0,607
4. O modo como gerencio o dinheiro hoje irá afetar meu futuro.	4,702	0,701	4,774	0,577
5. É importante ter e seguir um plano de gastos mensal.	4,660	0,578	4,660	0,618
6. É importante pagar o saldo integral dos cartões de crédito mensalmente.	4,851	0,414	4,811	0,521
7. Ao comprar a prazo, é importante comparar as ofertas de crédito disponíveis.	4,596	0,766	4,792	0,532
8. É importante passar o mês dentro do orçamento de gastos.	4,713	0,598	4,830	0,470
9. É importante investir regularmente para atingir metas de longo prazo.	4,489	0,699	4,321	0,894
10. Considero mais satisfatório poupar para o futuro do que gastar dinheiro no presente.	3,872	1,050	4,019	0,909
Fator Atitude Financeira	4,650	0,695	4,670	0,661

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Ao analisar a atitude financeira, os estudantes apresentaram, em média, resultados adequados para o fator pesquisado, considerando a escala utilizada que varia de um (1) a cinco (5) pontos. Os dois grupos de alunos, tanto iniciantes como concluintes, apresentaram média e desvio padrão com valores próximos. Os alunos atribuíram maior importância para a atitude de controlar as despesas mensais. Já trocar o consumo presente por uma poupança para o futuro foi avaliado como de menor importância pelos dois grupos se comparado às demais indagações. Resultado assemelhado encontrado para o grupo de universitários estudado por Potrich, Vieira e Paraboni (2013).

Após levantar separadamente os fatores Comportamento Financeiro, Conhecimento Financeiro e Atitude Financeira, foi calculada a variável Educação Financeira em uma escala que varia de (1) a (3) pontos conforme a soma padronizada indicada na Equação [1] demonstrada nos Aspectos Metodológicos desse trabalho. Além das diferenças de média entre os grupos de alunos dos períodos iniciais e finais do curso de Ciências Contábeis, na Tabela 6 foram cruzados os resultados dos fatores mencionados com as variáveis sociodemográficas a fim de analisar se há relação destas sobre o nível de educação financeira, comportamento financeiro, conhecimento financeiro e atitude financeira dos estudantes.

Para isso, buscou-se identificar se há diferenças significativas de média dos valores encontrados, aplicando-se através do programa SPSS, os testes *t* de *Student* para duas amostras (variáveis com código 1) e análise de variância – ANOVA para mais de duas amostras - (variáveis com código 2), conforme demonstrado na Tabela 5.

Tabela 5 - Valor e Significância do Teste *t* (1) e da ANOVA (2) para as variáveis pesquisadas

Variáveis	Comportamento Financeiro		Conhecimento Financeiro		Atitude Financeira		Educação Financeira	
	Valor	Sig.	Valor	Sig.	Valor	Sig.	Valor	Sig.
Sexo (1)	0,617	0,538	-2,668	0,009** *	-1,823	0,070*	-1,978	0,050**
Idade (2)	0,241	0,052*	1,167	0,328	0,679	0,607	3,057	0,019**
Ensino Médio (2)	0,727	0,485	3,774	0,025**	0,031	0,970	1,026	0,361
Possui Outra Graduação (1)	-0,231	0,818	0,923	0,357	-0,223	0,824	0,433	0,666
Estado Civil (1)	-0,457	0,649	-0,657	0,512	-0,762	0,447	-0,869	0,386
Dependentes (1)	1,753	0,081*	0,693	0,489	0,159	0,874	1,317	0,190
Com quem mora (2)	0,312	0,817	0,923	0,432	0,828	0,480	0,680	0,566
Escolaridade dos pais (2)	2,466	0,048**	0,183	0,947	0,719	0,580	0,885	0,475
Ocupação (2)	1,928	2,918	1,043	0,355	2,323	0,102	2,918	0,057*
Renda (2)	2,329	0,077*	1,121	0,343	0,480	0,697	1,708	0,168

Período de Graduação (1)	-1,181	0,240	-1,892	0,061*	0,753	0,753	-1,977	0,050**
-----------------------------	--------	-------	--------	---------------	-------	-------	--------	----------------

Nota. *, **, ***, representam significância estatística ao nível de 10%, 5% e 1%, respectivamente
Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Para o fator Comportamento Financeiro, foram encontradas diferenças significativas nas variáveis idade, dependentes, escolaridade dos pais e renda. Já no fator Conhecimento Financeiro houve diferença significativa de média para as variáveis sexo, conclusão do ensino médio e período de graduação. Para Atitude Financeira, apenas a média referente à variável sexo foi significativa. Em Educação Financeira, foram relevantes as diferenças de média para as variáveis sexo, idade, ocupação e período de graduação.

Apontados os dados com significância na Tabela 5, a Tabela 6 mostra as médias encontradas e em seguida a análise destes resultados.

Tabela 6 - Estatística da Escala de Educação Financeira

Variáveis		Comportamento Financeiro		Conhecimento Financeiro		Atitude Financeira		Educação Financeira	
		Valor	%	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Sexo	Masculino	3,407	68,1	0,741	74,1	4,706	94,1	2,364	78,8
	Feminino	3,477	69,5	0,661	66,1	4,597	91,9	2,276	75,9
Idade	até 19	3,282	65,6	0,682	68,2	4,600	92,0	2,259	75,3
	20 a 24	3,547	70,9	0,721	72,1	4,689	93,8	2,366	78,9
	25 s 29	3,624	72,5	0,748	74,8	4,720	94,4	2,417	80,6
	30 a 34	3,441	68,8	0,703	70,3	4,656	93,1	2,322	77,4
	+ de 34	2,966	59,3	0,606	60,6	4,563	91,3	2,113	70,4
Ensino Médio	Pública	3,474	69,5	0,679	67,9	4,653	93,1	2,304	76,8
	Privada	3,372	67,4	0,768	76,8	4,668	93,4	2,376	79,2
	Públ.+Priv.	3,090	61,8	0,773	77,3	4,633	92,7	2,313	77,1
Outra Graduação	Sim	3,467	69,3	0,674	67,4	4,672	93,4	2,303	76,8
	Não	3,432	68,6	0,712	71,2	4,654	93,1	2,329	77,6
Estado Civil	Solteiro	3,450	69,0	0,710	71,0	4,668	93,4	2,333	77,8
	Casado	3,382	67,6	0,684	68,4	4,608	92,2	2,282	76,1
Dependentes	Sim	3,263	65,3	0,687	68,7	4,666	93,3	2,272	75,7
	Não	3,493	69,9	0,711	71,1	4,654	93,1	2,341	78,0
Mora com:	Pais	3,457	69,1	0,714	71,4	4,658	93,2	2,336	77,9
	Cônjuge	3,343	66,9	0,682	68,2	4,582	91,6	2,267	75,6
	Amigos	3,546	70,9	0,647	64,7	4,750	95,0	2,307	76,9
	Sozinho	3,400	68,0	0,757	75,7	4,733	94,7	2,384	79,5
Escolaridade dos pais	Pós-graduado	3,445	68,9	0,718	71,8	4,758	95,2	2,358	78,6
	Superior	3,263	65,3	0,716	71,6	4,587	91,7	2,286	76,2
	Médio	3,574	71,5	0,712	71,2	4,655	93,1	2,358	78,6
Ocupação	Fundam	3,431	68,6	0,695	69,5	4,647	92,9	2,310	77,0
	Não alfabetiz.	2,833	56,7	0,661	66,1	4,800	96,0	2,186	72,9
	Trabalhando	3,468	69,4	0,720	72,0	4,722	94,4	2,358	78,6
Renda	Estagiando	3,739	74,8	0,746	74,6	4,669	93,4	2,428	80,9
	Só estudando	3,348	67,0	0,682	68,2	4,588	91,8	2,269	75,6
	Até 1000	3,510	70,2	0,725	72,5	4,634	92,7	2,353	78,4
Períodos de Graduação	1001 a 2500	3,266	65,3	0,671	67,1	4,695	93,9	2,263	75,4
	2501 a 5000	3,661	73,2	0,730	73,0	4,617	92,4	2,386	79,5
	+ de 5000	3,415	68,3	0,770	77,0	4,800	96,0	2,415	80,5
Períodos de Graduação	Iniciais	3,388	67,8	0,683	68,3	4,650	93,0	2,291	76,4
	Finais	3,526	70,5	0,743	74,3	4,670	93,4	2,382	79,4

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

Analisando os resultados para o fator Comportamento Financeiro, houve diferenças significativas nos resultados das variáveis idade, dependentes, escolaridade dos pais e renda.

Os melhores resultados encontrados acompanharam as idades dos entrevistados (média de 3,282 para os mais novos até 3,441 para aqueles com até 34 anos na escala de 1 a 5). O grupo com mais de 34 anos obteve um média inferior, possivelmente pelo número reduzido de alunos nessa idade (5% do total da amostra) não ter se saído bem nos testes. Alunos com dependentes financeiros apresentaram pior comportamento financeiro (média 3,263) se comparados com aqueles sem dependentes (média 3,263). A escolaridade dos pais também mostrou influenciar comportamentos financeiros, alunos com pais não alfabetizados tiveram as menores notas (média 2,833). No que diz respeito à renda, apesar de uma oscilação nos resultados, os alunos que declararam ter renda de 2.501 a 5.000 mil reais obtiveram melhores resultados (média 3,661).

Comparado aos estudos, Potrich, Vieira e Paraboni (2013), apenas a variável renda obteve também diferenças significantes. Esses outros pesquisadores encontraram influência de sexo e formação na formação do comportamento financeiro dos respondentes. Segundo eles, a forma como as famílias encorajam seus filhos desde cedo, os influencia a ter uma visão mais ampla das questões financeiras.

No que tange o fator Conhecimento Financeiro, foram encontradas diferenças significativas nas médias das variáveis sexo, ensino médio e período de graduação. Alunos do sexo masculino apresentaram melhor Conhecimento (índice de acerto de 0,741 das questões propostas) que as mulheres (média 0,661). Para aqueles respondentes que declararam ter cursado o ensino médio em escola particular mostraram ter maior conhecimento das questões ligadas às finanças (média 0,768), sendo que o melhor resultado foi para aqueles que cursaram parte em escola pública e parte em escola privada (média 0,773). Quanto ao período de graduação que se encontram, os alunos dos últimos períodos de graduação em Ciências Contábeis obtiveram os melhores resultados (média 0,743) se comparados aos alunos dos períodos iniciais do curso (média 0,683).

Esses resultados corroboram com os encontrados por Medeiros, Campos e Malaquias (2016), quanto a relação positiva do curso com o conhecimento dos discentes, uma vez que os concluintes apresentaram melhor desempenho do que os ingressantes. No que tange à variável sexo, Potrich, Vieira e Paraboni (2013), também observaram dificuldades das mulheres em compreenderem conceitos financeiros, confirmados também nos trabalhos de Klapper, Lusard e Panos (2012).

Analisando os resultados do fator Atitude Financeira, foram encontradas diferenças significativas apenas na variável sexo. Alunos do sexo masculino mostraram melhores resultados para as atitudes financeiras (média 4,706 da escala de 1 a 5) que as mulheres (média 4,597).

Finalmente, após construção do fator Educação Financeira com uso da equação [1], foram encontradas diferenças significativas para as médias dos resultados das variáveis sexo, idade, ocupação e período de graduação. Alunos do sexo masculino obtiveram melhor média (2,364 de 3 pontos possíveis pelo uso da equação [1]) que as mulheres (média 2,276). Na próxima variável analisada, os melhores resultados pareceram acompanhar a idade dos alunos até os 29 anos, tendo uma pequena queda para aqueles mais velhos. No que diz respeito à ocupação dos alunos, o resultado para aqueles que só estudam (média 2,269) foi pior se comparado para aqueles que estão trabalhando ou estagiando (médias 2,358 e 2,428, respectivamente).

Esses resultados são condizentes com estudos anteriores, como o de Potrich, Vieira e Paraboni (2013) e Lizote et al. (2016), onde também encontraram diferenças de educação

financeiras nas variáveis sexo, idade e ocupação. Na mesma linha Klapper, Lusard e Panos (2012). Já Barufi (2017) destacou a renda como importante influenciadora do nível de educação financeira dos indivíduos.

Diante do conjunto dos dados obtidos e analisando os resultados desta pesquisa, foi possível identificar uma diferença significativa no nível de educação financeira dos alunos, sendo positiva para os concluintes, apesar de tanto estes como aqueles, permanecerem em uma mesma faixa considerada como um nível intermediária, conforme classificação estabelecida por Volpe e Chen (1998).

Vale ainda destacar que os alunos com mais idade e que passam a trabalhar ou estagiar também melhoraram seus resultados nos testes, e essa fase de vida coincide com os períodos finais do curso. Assim, não se pode afirmar de forma conclusiva de a melhora na educação financeira dos graduandos, ainda que modesta, tenha sido influenciada pelo curso de Ciências Contábeis.

Com os resultados desse estudo foi possível traçar um diagnóstico da situação da alfabetização financeira dos discentes de Ciências Contábeis da UFERSA, mostrando que há espaço para um aperfeiçoamento dessa habilidade tão necessária e importantes para a vida pessoal e profissional dos graduandos.

A atenção ao tema poderá evoluir com inclusão do assunto no conteúdo programático das disciplinas afins ou mesmo uma nova disciplina optativa poderá ser criada, a exemplo da Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade de Brasília que já contam com Finanças Pessoais na estrutura curricular de Ciências Contábeis.

5. Considerações Finais

O ambiente econômico e social exige uma adequada educação financeira dos indivíduos. A dinâmica do mercado oferece diversas opções para atendimento de necessidades, porém, uma inadequada compreensão das questões financeiras pode impactar negativamente as realizações e a vida dos indivíduos e da sociedade. Estudos têm demonstrado que a competência em educação financeira pode ser aprendida e isso tem sido amplamente incentivado por organismos internacionais e pelo governo brasileiro.

Reconhecida a importância dada a essa temática, este estudo teve como objetivo principal identificar o nível de educação financeira dos graduandos em Ciências Contábeis da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA. Efetivamente esta pesquisa conseguiu alcançar esse objetivo, pois foi possível qualificar o nível de educação financeira dos alunos do curso. O resultado foi satisfatório ao se encontrar diferenças significativas das médias nas notas de educação financeira dos grupos de alunos iniciantes e concluintes do curso de Ciências Contábeis.

Esta pesquisa partiu do pressuposto que os alunos de Contabilidade, ciência do patrimônio por excelência e adequada à gestão dos recursos (IUDÍCIBUS, 1998; MARION, 2014), melhoram seu nível de educação financeira ao longo do curso de graduação. Isso porque fazem parte da grade curricular disciplinas voltadas à gestão financeira das entidades. No entanto, com base nas pesquisas bibliográficas realizadas, as características sociodemográficas tem interferido nos resultados de educação financeira.

Diante dessa questão, analisando os resultados desta pesquisa, foi possível identificar uma diferença significativa no nível de educação financeira dos alunos, sendo positiva para os concluintes, apesar de ainda considerada de nível intermediária como a dos iniciantes. Contudo,

vale destacar que os alunos com mais idade e que passam a trabalhar ou estagiar também melhoraram seus resultados nos testes, e essa fase coincide com os períodos finais do curso. Assim, deduz-se inconclusivo o pressuposto apresentado uma vez que não se consegue afirmar categoricamente qual determinante para a melhoria da educação financeira dos concluintes, se o curso, a maior idade ou o início da vida profissional.

Nesse sentido, vale lembrar as conclusões de Bruhn et al. (2016) após o estudo do impacto de um programa abrangente de educação financeira ensinado em escolas, onde mostrou ser possível tal habilidade ser aprendida e desenvolvida nesses ambientes. Assim, vê-se a Contabilidade com grande potencial para melhoria da educação financeiras dos seus graduandos. Com base nos resultados deste trabalho com os alunos da UFERSA, supõe-se muito espaço a ser desenvolvido, já que os índices podem ser melhorados de medianos para ótimos, gerando consequências positivas não só na vida dos indivíduos, mas da sociedade como um todo.

Analisar o nível de educação financeira dos indivíduos não é tarefa fácil. Vários estudos têm se dedicado ao tema e vem se formando consenso que além do conhecimento como juros, inflação, investimento e risco, devem ser avaliados comportamentos e atitudes financeiras. Ainda assim, as teorias sobre o tema ainda não foram sedimentadas. Longe de tentar esgotar o assunto, esta pesquisa espera contribuir e chamar a atenção para a importância do tema, provocando reflexões, discussões, novos estudos e pesquisas que possam mostrar o protagonismo da Contabilidade para formação financeira pessoal, profissional e social dos egressos dessa graduação da UFERSA.

Para tanto, podem ser apontadas algumas limitações que podem ser objeto nos futuros estudos, como a dificuldade de aplicar os questionários, seja pelas interrupções nas aulas para coleta de dados, seja pelo número de quesitos propostos pois de início não se conhecia os mais relevantes. Outra limitação que merece destaque foi um estudo restrito a um único curso da universidade. Assim, recomenda-se ampliar o público pesquisado a fim de melhor confronto entre as características dos grupos e entre outros cursos de graduação, inclusive que não ofereçam disciplinas financeiras em sua grade curricular e poder assim apontar sua importância.

Como principal contribuição dessa pesquisa foi abordar um tema pouco explorado localmente, demonstrando a contribuição dos cursos com disciplinas financeiras para o nível de educação financeira dos alunos, como essa pode impactar suas vidas e da sociedade. Além disso, foi evidenciado o perfil sociodemográfico dos estudantes pesquisados trazendo suas características que podem ser aproveitadas outros estudos. E ainda foi possível destacar o protagonismo de Ciências Contábeis dentre os cursos pesquisados no desempenho dos resultados de conhecimento financeiro dos graduandos.

REFERÊNCIAS

- Andrade, J. P., & Lucena, W. G. (2018). Educação financeira: Uma análise de grupos acadêmicos. *Revista Economia & Gestão*, 18(49), 103-121
- Barufi, A. M. (20 de Julho de 2017). *Conhecimento financeiro dos jovens tem espaço para ser ampliado no Brasil*. Fonte: Destaque Depec Bradesco: <https://www.economiaemdia.com.br/SiteEconomiaEmDia/Publicacoes/Destaques-Depec>

Decreto n. 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm.

Decreto n. 10.393, de 9 de junho de 2020. Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10393.htm#art10.

_____. **Resolução CNE/CES 10: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Ciências Contábeis, bacharelado.** Diário Oficial da União Brasília, 28 de dezembro de 2004, Seção 1, p. 15.

Bruhn, M., Leão, L. d., Legovini, A., Marchetti, R., & Zia, B. (2016). O Impacto da Educação Financeira no Ensino Médio: evidências de uma avaliação em larga escala no Brasil. *American Economic Journal: Applied Economics*, 8(4), 256-295.

Domingos, R. (4 de Março de 2019). Educação financeira - Metodologia e perfil financeiro para adultos. São Paulo, SP, Brasil. Fonte: <https://www.dsop.com.br/educacao-financeira-dsop/>

Ergün, K. (5 de Janeiro de 2018). Financial literacy among university students: A study in eight European countries. *International Journal of Consumer Studies*, 42, pp. 2-15. doi:<https://doi.org/10.1111/ijcs.12408>

Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Marcarola, J. (2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração*, 35(3), 105-112.

HARARI, Y. N. (2015). Uma breve história da humanidade. Tradução Janaína Marco Antônio.–1. ed.–Porto Alegre: L&PM.

Iudícibus, S. d. (1998). *Contabilidade introdutória* (9 ed.). São Paulo: Atlas.

Kiyosaki, R. T., & Lechter, S. L. (2000). *Pai rico, pai pobre* (12 ed.). (M. J. Monteiro, Trad.) Rio de Janeiro: Campus.

Klapper, L. F., Lusard, A., & Panos, G. A. (Março de 2012). Financial Literacy and the Financial Crisis. *Working Paper. National Bureau of Economic Research*. Cambridge, Massachusetts, United States. Acesso em 25 de Janeiro de 2019, disponível em <http://www.nber.org/papers/w17930>.

Lana, J., Lizote, S. A., Rocha, A., Brand, A., & Verdinelli, M. A. (7-9 de Dezembro de 2011). Um estudo sobre a relação entre o perfil individual e as finanças pessoais dos alunos de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Acesso em 8 de Março de 2019, disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/522b/10818b377fb7e446286bfa2f3a7eea4e5c43.pdf>

- Lima, M. N., Levino, N. d., & Santos, A. N. (27-30 de Agosto de 2017). A Contabilidade Aplicada ao Controle das Finanças Pessoais: Uma Análise com Estudantes Universitários. *XLIX Simpósio Brasileiro de Pesquisa Operacional*. Blumenau, Santa Catarina, Brasil. Acesso em 8 de Março de 2019, disponível em <http://www.sbp2017.iltc.br/pdf/168404.pdf>
- Lizote, S. A., Lana, J., Verdinelli, M. A., & Simas, J. d. (2016). Finanças Pessoais: um estudo envolvendo os alunos de Ciências Contábeis de uma instituição de ensino superior. *Revista da UNIFEBE*, 1(19), 71-85. Acesso em 8 de Março de 2019, disponível em <https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/revistaeletronicadaunifebe/article/view/186/373>
- Macedo, J. S. (2013). *A árvore do dinheiro*. Florianópolis: Insular.
- Marion, J. C. (2014). *Contabilidade Básica* (11 ed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, M. d. (Maio de 2001). Um passeio na Contabilidade, da pré-história ao novo milênio. *Revista Adcontar*, 2(1), 7-10. Acesso em 16 de Janeiro de 2019, disponível em http://www.fapanpr.edu.br/site/docente/arquivos/Artigo_Um%20passeio%20na%20contabilidade.pdf
- Medeiros, L. N., Campos, L. C., & Malaquias, R. F. (11 de Julho de 2016). Contribuição da contabilidade para as finanças pessoais: um estudo comparativo entre alunos ingressantes e concluintes do curso de graduação em Ciências Contábeis. *Revista Brasileira de Contabilidade*(219), 60-73. Fonte: <http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/1399>
- Nunes, P. (2006). Utilização da Contabilidade no planejamento e controle das finanças pessoais. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 5(15), 59-72.
- Organisation for Economic Co-operation and Development - OECD. (5 de Setembro de 2013). Advancing National Strategies for Financial Education. *G20 SUMMIT 2013*. Saint Petersburg, Northwestern, Russia. Acesso em 30 de novembro de 2018, disponível em <https://www.oecd.org/finance/financial-education/advancing-national-strategies-for-financial-education.htm>
- Peleias, I. R., Silva, G. P., Segreti, J. B., & Chiroto, A. R. (Junho de 2007). Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. *Revista Contabilidade & Finanças*, 18(30 anos de doutorado), 19-32. Fonte: <http://www.revistas.usp.br/rcf/article/view/34221/36953>
- Potrich, A. C., Vieira, K. M., & Ceretta, P. S. (2013). Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 12(3), 314-333.

- Potrich, A. C., Vieira, K. M., & Kirch, G. (Junho de 2016). Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. *BASE – Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 13(2), 153-170. doi:10.4013/base.2016.132.05
- Potrich, A. C., Vieira, K. M., & Paraboni, A. L. (24-25 de Outubro de 2013). O que influencia a alfabetização financeira dos estudantes universitários? *XVI SemeAd Seminários em Administração FEA-USP*. São Paulo, SP, Brasil. Fonte: <https://semead.com.br/16/>
- Rodrigues, P. H., Neto, W. J., & Ferreira, R. M. (Janeiro de 2014). Da história do Crédito: da Mesopotâmia aos Médici e a expansão do modelo de negócio bancário. *Revista Jurídica*, 23(2), 139-156.
- Silva, W. J., Carraro, W. B., & Silva, M. d. (19-20 de Outubro de 2017). A Contabilidade como Instrumento de controle e planejamento financeiro pessoal. *II Congresso de Contabilidade da UFRGS*. Porto Alegre, RS, Brasil. Acesso em 2019 de Janeiro de 2019, disponível em <https://www.ufrgs.br/congressocont/index.php/congresso/index/schedConfs/archive>
- Verdinelli, M. A., & Lizote, S. A. (19-21 de Maio de 2014). Relações entre Finanças Pessoais e as Características dos Estudantes Universitários do Curso de Ciências Contábeis. *5º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças*. Florianópolis, SC, Brasil. Acesso em 8 de Março de 2019, disponível em <http://dvl.ccn.ufsc.br/congresso/anais/5CCF/20140411013358.pdf>
- Volpe, R. P., & Chen, H. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, 7(2), 107-128. doi:[https://doi.org/10.1016/S1057-0810\(99\)80006-7](https://doi.org/10.1016/S1057-0810(99)80006-7)
- Chen, H., & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial services review*, 7(2), 107-128.
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. rad. Daniel Grassi - 5.ed. -Porto Alegre: Bookman